
O ENFRENTAMENTO DO RACISMO AMBIENTAL A PARTIR DA GEPOÉTICA: UM OLHAR PARA AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Andressa dos Santos Dutra^{1, x}

(¹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Avenida Pasteur nº 458, Urca, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22290-240, Brasil; ^xAutor de correspondência: andressadutra3.ad@gmail.com)

A forma predatória que as sociedades capitalistas interagem com a terra expressa a crença da natureza como fonte inesgotável de recursos e serviços, e que os impactos das atividades antrópicas a ela causados são externalidades aceitáveis dos processos econômicos desenvolvidos. Em nome do desenvolvimento, explora-se os recursos naturais e mercantiliza-se a vida. O desenvolvimento se mantém desigual e combinado ao processo de acumulação capitalista gera o uso desigual dos recursos naturais. Lideranças quilombolas, como Nêgo Bispo, já nos apontam alternativas para a sociabilidade e relação sadia com a terra a partir da sabedoria dos povos tradicionais que ressignificam os espaços e conceitos hegemônicos. Nesse sentido, é necessário uma discussão sobre a superação dos paradigmas ocidentais, racionalistas e coloniais. A sociedade necessita de mudança sistêmica e isso só será possível através de um resgate profundo dos saberes ancestrais. O presente trabalho objetiva discutir a iminência do racismo ambiental e propor a geopoética como alternativa de enfrentamento a partir de um olhar para as diferentes formas de habitar a terra das comunidades quilombolas brasileiras. A pesquisa baseia-se nas metodologias de pesquisa bibliográfica e documental. Estudos recentes argumentam sobre uma desproporcionalidade nos impactos da crise ambiental e um consequente agravamento dos casos de racismo ambiental. O racismo ambiental é um conjunto de práticas das sociedades e seus governos que aceitam a deterioração socioambiental, justificando-se na busca pelo desenvolvimento e na naturalização implícita da inferioridade de determinados segmentos da população afetados - negros, indígenas, trabalhadores pobres, quilombolas, entre outros. As populações quilombolas nacionais - cujas práticas são baseadas no diálogo, na escuta e relações sensíveis - foram por muito tempo invisibilizadas pela sociedade e ainda carregam múltiplos estereótipos de opressão historicamente interseccionados. São alvos dos “descarregos” da desigualdade, tendo seus territórios marcados pelo racismo ambiental através da marginalização das políticas públicas. Contudo, independente dos dispositivos de poder adotados para a dominação e silenciamento, essas comunidades organizam e acionam suas (re)existências. Sendo assim, percebemos a geopoética intrinsecamente ligada às formas de viver dessas comunidades, uma vez que a existência de relações harmoniosas com os outros se dá a base de um pertencimento comum. A geopoética é a união perfeita da ciência e da poesia que faz despertar o êxtase que diferentes territórios em espaços geográficos distintos podem provocar, recriando assim conexões vitais, permitindo uma interação e uma percepção sensível e inteligente do ser humano com a Terra. Ela propõe uma forma de resistência em relação ao pensamento cartesiano, hegemônico, racionalista e colonialista. As comunidades quilombolas brasileiras possuem desde seus primórdios uma visão geopoética da vida, um olhar horizontal que integra os diversos campos existentes. Nesse terreno de encontro e resistência ocorre uma transformação sistêmica que torna possível o enfrentamento e a redução das desigualdades socioambientais.